

Revista Nova

Lisboa, 25 de abril de 1901

IMP. AFRICANA — R. das Flores, 99 E 101

EDITOR — ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

A Canção em Paris

Paris foi sempre o paiz da Canção. Além, na collina sagrada de Montmartre, todas as noites, cem poetas, mais ou menos jovens e mais ou menos populares, psalmodiam, ao som de pianos antiquissimos, as estrophes aladas dos seus reportorios. No Bairro Latino, a canção sentimental é popular e rompe nas noites mornas do outono dos labios dos estudantes para celebrar ainda, como nos tempos de Béranger e Dupont, os encantos de Mimi e Lilette.

No *boulevard*, encruzilhada do mundo que se diverte, rua em que se fallam todas as linguas, feira eterna de graças cosmopolitas, a canção ingleza, hungara, hespanhola, italiana, triumpha sempre, apesar das conferencias em que Lemaitre, Coppée e Barrés aconselham aos seus compatriotas o odio aos estrangeiros e a santa cruzada contra o espirito transbordante dos povos modernos.

A Otero, a Guerrero, a Tortojada, embaixatrizes da graça, da belleza hespanhola, enthusiasmam os parisienses, sempre que apparecem, com as suas *jotas*, com as suas *peteneras*, com os seus sorrisos perversos, com as contorsões dos seus corpos morenos, com as crispações symetricas dos seus braços nus... A Cavalieri, fluida e fina como as princezas de Clouet, provoca freneticos applausos á Italia legendaria dos tamboris, do cavalheirismo rustico, da alegre *tarantela*; á Italia doirada, leve, medrosa, um pouco ainda pagã e sempre muito instinctiva e muito delicada, cuja alma palpita nos versos do povo napolitano... Oh! a Cavalieri, com os seus olhos de diamante negro, e o seu talhe flexivel, e o seu seio de virgem grega, e a sua divina bocca, feita para as canções!... A Cavalieri!

Mas não são só os povos latinos e meridionaes, irmãos da França pelo sangue e pela tradição, os que, em Paris, cantam e encantam.

Tambem as nações do Norte estão aqui representadas por admiraveis artistas que evocam formosas paysagens de sonho, eternos crepusculos invernaes, e lentas aventuras de pagens louros, de princezas de olhos verdes, de velhos reis de immensas barbas brancas.

Ultimamente, tenho frequentado de preferencia os concertos onde se cantam canções do norte, russas e scandinavas, flamengas e escocezas, bohemias e madgyares, e das minhas excursões artisticas por essas ulti-

mas Thules da lyrica popular, conservo deliciosas recordações e significativos dados de psychologia. O nome dos cantores desapareceu já da minha memoria, e nem sequer poderia dizer se foi no Olympia ou nas Folies-Bergères, no Eldorado ou no Scala que os ouvi. A unica impressão que d'ellas conservo é uma imagem nebulosa e um echo rhythmico em cujas ondas sonoras se confundem, sem se combinarem, os accents dominantes de muitas longinquas patrias. As recordações melhores são as mais vagas, — assim como os nossos mais profundos amores são, porventura, os que nos inspiram alguns rostos entrevistos, n'uma só manhã, e alguns sorrisos recebidos do alto d'um balcão florido, n'um dia de nostalgicas chimeraç e de impossiveis desejos. . .

Paris, 1901.

Trad. de Mayer Garção.

Gómez Carrillo.



Arte Nova

A ARTE tem evoluído á medida que o concepto da Vida evolue: é o que os esthetas exprimem pela lei da correlação entre o meio e o artista.

Se alguma vez este criterio foi falseado — que o tem sido — esse desvio critico é de curta duração. A apreciação, mercê d'uma reacção sadia, entra de novo na sua trajectoria. E' o que acontece com as celebridades de momento, é o que está acontecendo com muitas escolas d'arte dos ultimos tempos. Assim o symbolismo. Basta pegar n'um livro d'um symbolista para immediatamente ficarmos convictos que esse livro é o producto d'um cerebro desordenado — o que ha de menos symbolico, emfim.

Confundem deploravelmente symbolo com mysterio, com tudo o que ha de vago e nebuloso.

Toda a arte é symbolica, de resto. De facto, o que é um symbolo? E' a expressão concreta, apreciavel pelos sentidos, d'uma modalidade animica. Uma letra, uma nota de musica, são o symbolo d'um som, como o som é de per si o symbolo d'um movimento nervoso d'ordem psychica. Uma phrase, um compasso musical, uma linha, um plano, são outros tantos symbolos de ideias, de processos psychicos, por conseguinte.

D'aqui resulta que o symbolo é convencional, mas d'um convencional tão automaticamente adquirido e acumulado, que a linguagem — e quando digo linguagem quero significar o symbolo do pensamento — se torna natural, por assim dizer uma cousa indissociavel da modalidade mental.

D'este modo a forma em Arte deve ser — e é o que acontece com os artistas de genio — inseparavel da concepção, a sua expressão justa, o seu symbolo, finalmente.

Fez isto a escola symbolista? Não. *A arte deve suggerir, nunca exprimir* — diziam; e, com este principio como escudo, gaguejavam um *radotage* hybrid, desconnexo como o fumo. De resto, a escola symbolista é-o de facto, quando menos pretensões tem a sel-o.

Sendo, pois, a Arte o symbolo da Vida e não o indefinivel da Vida,

como o querem os pseudo-symbolistas, derivar-se-á logicamente na lei geral d'esthetica:—A Arte, como a noção da Vida, é evolutiva. Primitivamente concebia-se a vida religiosamente; o elemento anthropomorphico predominava, emanando da astronomia. D'ahi o ser a Arte essencialmente religiosa e mythica.

Quando se considerava a Vida como filha do *sopro de Deus*, a obra d'arte obedecia a esse concepto; a fatalidade divina, o pecado primeiro pesava densamente sobre as accoens humanas. E ainda hoje ha bibliolatrias aferrados á syngenesia moysaica, infelizmente. Para esses o homem ainda é o relegado da graça, o forçado que anda a soffrer o castigo do crime ancestral, rastejando com a indignidade de mendigo aos pés d'uma omnipotencia tenebrosa de conceber-se, tal é a sua disformidade moral.

Felizmente que hoje tambem ha quem olhe para Deus como se olharia para as ruinas d'um carcere, quem saiba que a Vida tem os seus determinantes naturaes, que as accoens humanas são movidas por um determinismo psychico. Para esses, claramente, a Arte entrou n'uma via nova.

Tal é a obra de Zola, e d'um modo ainda mais absoluto a obra d'Ibsen, Strindberg e Hauptmann—incomprehendidos pelas multidoens pelo facto d'estas ignorarem os modernos ideaes scientificos.

E não se diga que o senso critico e scientifico estão em desaccordo com a Arte: quem tal affirma, ou é um preguiçoso, ou um idiota—um nocivo de qualquer dos modos.

Quando a sciencia era metaphysica, a Arte era-o implicitamente: então o sabio Diderot era compativel com o artista. Voltaire semelhantemente. Como faria o sabio Vinci a «Gioconda»? Porque Goethe expoz a theoria vertebral do craneo e formulou a lei da compensação organica, estaria ipso facto inhibido de fazer o Fausto?

E' que a incompatibilidade entre sciencia e arte nunca existiu, bem que peze a tantos incoherentes. Nunca a haverá, de resto.

D'este modo, a Arte nova tem de ser positiva, orientada por um determinismo bio-animico.

E toda a obra que d'outro modo se norteie será obra morta, um aborto condemnado ao esquecimento, apesar d'um successo momentaneo.

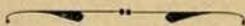
O artista moderno tem de ser educado nas novas ideias, precisa de assimilal-as, traduzil-as em sentimentos e depois pode ir descansar, conscio de que cumpriu o seu dever, de que legou á humanidade uma obra fecunda, e nunca um arrote lyrico e gazozo como os que barrufam esses cabotinos, que se estorcem na sua impotencia.

Assim concebida a Arte entrará n'uma larga phaze de humanidade, util; porque a Arte tambem é um pujante estimulo da Vida.

Essa, sim, será a Arte nova, a Arte fertil, immensa como immensa é a Vida.

Março, 1901.

Manuel Laranjeira.



Paisaje del corazón

.....

... A qué quieres que te hable?...
Deja... deja...
mira el cielo blanquecino, mira el campo
inundado de tristeza...

Si, te quiero mucho, mucho...
Ay! aleja
tu mejilla de mis labios fatigados;
calla... calla... mi alma sueña...

No, no llores, que tu llanto
me da pena;
no me mires angustiada, no suspiros...
tus suspiros me molestan...

Mira, mira cuánta sombra
hay en la tierra;
cuánto frío, cuánta bruma... No parece
una hermosa virgen yerta?

Y allá arriba ya fulguran
las estrellas;
las estrellas somnolentas, como luces
que acompañan á la muerta...

Cuánta bruma, cuánta sombra!
Cierra, cierra
los cristales... Siento un frío por el alma...
Por qué, pálida, me besas?

Qué? Qué dices? Que te bese?...
Deja... deja...
Mira el cielo ceniciento, mira el campo
inundado de tristeza...

Madrid, 1901.

Juan Jiménez.



As companhias infantis

.....

L I HA DIAS, n'um jornal, que ia ser brevemente apresentada ao publico da capital a companhia infantil do sr. Salvador Marques. A noticia, se me entristeceu, não me admirou. Quando, ha quatro mēses, eu protestei, n'uma folha de Lisboa, *O Mundo*, contra esse formidavel attentado á Vida das creanças, não tive a vaidade de suppôr que o meu artigo podia influir de qualquer maneira no coração do carniceiro que é o sr. Salvador Marques; suppunha-me apenas capaz de attrahir, pela justiça da causa defendida, um ou mais combatentes que viessem em meu auxilio; mas, quando vi que as minhas palavras não encontravam echo e se perdiam entre as banalidades de todos os dias, desanimei e deixei de sonhar com irmãos d'armas; e a noticia d'esse jornal, que me confrange e commove dolorosamente, não consegue, em boa verdade, causar-me admiração.

*
* *

São três os homens que figuram n'esta triste prova de inferioridade moral:—os srs. Schwalbach, Philippe Duarte e Salvador Marques. D'este ultimo nem vale a pena fallar mais:—é um homem que quer ganhar dinheiro, seja como fôr. E' talvez, pelo meio em que tem vivido, pelos principios em que foi educado, um inconsciente. E, por isso mesmo, pôde ser desculpado—não perdoado, note-se bem. Mas não pode ser nem desculpado nem perdoado o sr. Schwalbach, auctor, todos os annos, de varias salgalhadas com musica, e, de vez em quando, de comedias toleraveis que teem graça; este homem deve ser intelligente, se não é um talento, como as gazetas apregoam—e, sendo intelligente, deve comprehender a piedade ou mesmo ter pretensões a piedoso; deve comprehender que vae ser cúmplice d'um assassinio, que vae roubar á Vida almas que talvez a enchessem de luz, corpos que a podiam fecundar... E, como elle, não deve ser nem desculpado nem perdoado o maestro Philippe Duarte, que deu a mais cabal e a mais completa prova de que não é um artista; porque um artista, amando todas as coisas bellas, ama, acima de tudo, o Bem—que é a suprema expressão do Bello.

Ambos estes homens ficaram além do seculo XIX; ambos elles fogem á influencia d'esses cem annos em que a Justiça humana clamou as suas maiores reivindicações, em que a Piedade se tornou mais intelligente e mais vasta. D'hoje em diante, e para sempre, apenas podem ser considerados como contrabandistas que vendem as suas mercadorias ao primeiro que lhes apparece, sem se importarem que as suas obras vão fortalecer um preconceito ou ajudar a praticar uma torpeza—e não como escriptores, e não como artistas, encaminhando as almas para a perfeição, mostrando-lhes o infinito horisonte de Bondade em que os olhos podem repousar, e ensinando-lhes que, no dia em que a Vida fôr glorificada e respeitada, a Humanidade terá alcançado, finalmente, esse Futuro que todos nós sonhamos!...

*
* *

Mas ha alguem mais culpado, porque mais poderoso se julga, do que esses três homens:—ha o governo. Para que servem as leis se não é para castigar ou reprimir os crimes?—Ouvi dizer, ha tempos, que em Hespanha não eram permittidas as Companhias Infantis. Tenho pena de não poder verificar, de prompto, o que ha de verdade n'esta affirmação; sendo ella verdadeira, a Hespanha dá-nos,—apezar das suas barbaras toiradas, da selvageria dos habitantes d'algumas provincias e do seu espirito reaccionario—uma memoravel licção de *humanidade* e de progresso, d'essa *humanidade* e d'esse progresso de que ninguem cuida em Portugal. Quando, ha pouco, um deputado fallou sobre um projecto de habitações para familias pobres, quasi que não foi ouvido; e o mesmo aconteceria, de certo, a qualquer incorrigivel sonhador que fosse dizer na Camara este meu protesto—este protesto que é justo e sagrado e que devia ser feito, não por mim, mas por todas as mães e por todos os paes. Quem levar os seus filhos ao triste e repugnante espectáculo que em Lisboa se vae exhibir, dará ás creanças uma licção de fria crueldade, uma licção que, talvez mal entendida agora, seja mais tarde a semente funesta de venenosos fructos. E' para as Mães, é para os Paes que eu appello,

no final d'este artigo que não posso fazer maior porque a indignação me suffoca, para elles que são os responsaveis dos destinos da nossa Patria —já que o governo se entretém a enterrar, piedosamente, os restos da nossa bem amada constituição.

Figueira, 3 de abril.

João de Barros.

A volta das andorinhas

.....

Chegaram já as andorinhas todas :
Vem festejar as suas santas bodas
No regaço do meu Sonho-paixão :
Vem na minha alma construir seus ninhos
De amores e esperanças e carinhos,
Vem encher-me de sol o coração !

Bemvindas sempre ao peito meu, bemvindas,
Do meu Sonho andorinhas, meigas, lindas !

Trazem-me a Crença, na plumagem fina
No bico, umas canções de luz divina ;
Nas azas, fúlgida e ridente aurora !
Do paiz da Illusão e da Chimera
Vem para annunciar a primavera,
Que se estenderá pela vida fóra !

Bemvindas á minha alma, ó andorinhas, —
Ternas e doces esperanças minhas !

São estrellinhas-d'alva, de luz pura,
Que dizem madrugadas da Ventura
Nos seus célicos hymnos sacrosantos ;
Prenuncios do Porvir aureo e risonho,
Aves do Paraizo do meu Sonho,
Trazem-me beijos de outras nos seus cantos !

Bemvindas, pois, ó andorinhas lindas,
Enviadas do Céu, sejam bemvindas !

José Cordeiro.

Do Capitolio á Rocha Tarpeia

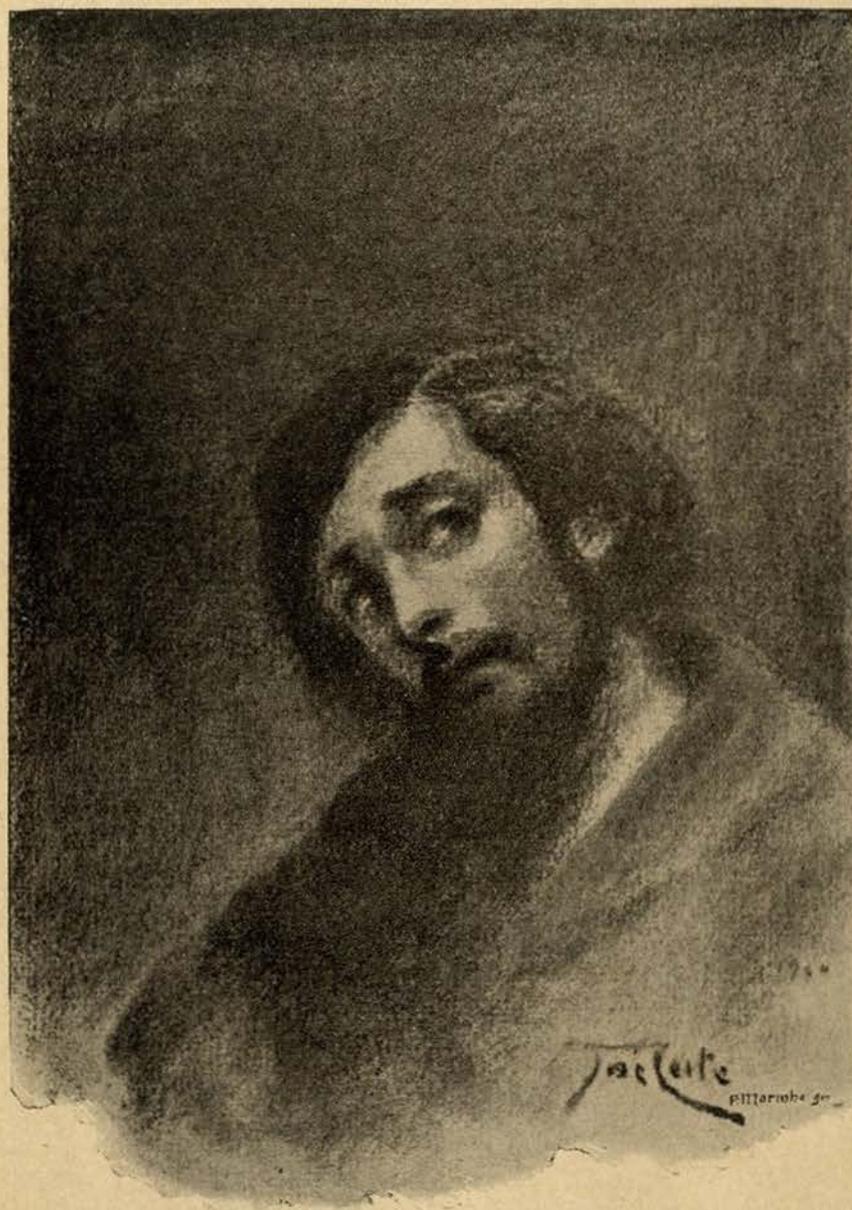
.....

Um

LONGE dos tempos ingenuos em que o *parallelo* era a mais elegante manifestação de senso critico, todo aquelle que hoje tem de analysar obras d'arte vê em torno a si um horisonte tão vasto, e sente uma pesada imposição de tão complexos processos, que se lhe torna difficil a tarefa analytica, a dentro, é claro, d'um criterio de equilibrio e justiça. Assim é que a critica litteraria quasi sempre degenera em com-

A PINTURA

Eurico



Orgulho humano, que és tu mais? feroz, estúpido ou ridículo.

Quadro por **José Leite**

Estudo de cabeça

municação de impressões que o livro do sr. X... ou do sr. Y... produziu, ou, o que é ainda mais vulgar n'esta nossa terra luzitana, pequenina e intriguista, em aranzel ensopado de elogio mutuo e louvaminha.

E comtudo, é preciso que essa critica consciente das suas responsabilidades e dos seus deveres, surja viril n'um paiz em que se lanca ao mercado uma média annual de trezentos livros de versos, e leve o publico ledôr a desembaraçar-se do seu scepticismo prejudicial e a deixar de procurar na litteratura franceza o que na nossa sobejamente encontrará. E' preciso que se saiba distinguir, d'entre as produções litterarias que enxameiam, os pouquissimos esforços de tendencia honesta que porventura appareçam, e que, na actual barafunda, são abafados quasi sempre pela ruidosa fancaria dos mediocres e dos cabotinos.

Mas... cabem á critica d'arte fronteiras que é preciso delimitar, aliás a balburdia continuaria progressivamente mais ensurdecedôra.

E é precisamente porque tenho, na minha mesa de trabalho, volumes que deveriam ser estudados por alienistas de competencia, que mais se me afigura necessario que a critica abdique, quando, em pleno dominio da pathologia, só os psychiatras teem que vêr com o caso.

*
* * *

A legião de insignificantes obcecados por uma mania velha de amontoar palavras sem nexos, ou mostrar, vestidas dos melhores brocados rhetoricos, idéas mórbidas, que façam escandalo, e pelo escandalo tenham garantida uma aura de notoriedade, alastra extraordinariamente.

Uma noite, vêmos um auctor glorificado, e coberto de louros de duvidosa origem, pôr em scena uma peça que é nem mais nem menos do que o plagio arrêmedado d'um poemeto inglez. Este, é o patriarcha dos dramaturgos, que agora anda a dar conselhos para remediar uma crise que elle proprio produziu.

Ao abirmos um livro de contos que alguns artistas portugêses se prestaram a illustrar, vêmos um conto que o seu auctor dá por original, e que é uma fiel traducção d'um outro de Zola. E pasma a gente do descaramento do Braguinha Asneira!

Mas, pensará o leitor, isso não é symptoma mórbido, é uma grande patifaria!

De resto, essas duas coisas são synonymos, e patifaria ou imbecilidade, todas essas provas degradantes para litteratos, com reputação mais ou menos lisongeira, hão de ser aqui estampadas em letra redonda, como se dissecam ventres n'um theatro anatomico, embora tresandem a podridão.

E então, o publico ha de dar o castigo justo ou o desprêso digno a esses graphomanos e plagiarios e doidos moraes, que são como o escalracho na sementeira das letras; ha de com prazer vêr-nos arrancar a mascara aos *pseudonymos vivos* que teem a desfaçatez de assignar livros feitos por outros, aos rufiões que vivem de explorar nas suas obras a descripção e o vocabulario obsceno, e ha de ficar-nos grato de termos levantado com a ponta da bengala, n'um fito de hygiene, os farrapos de chita polychroma que cobriam nojentos barris de lixo, com apparencias falsas. Mas a tarefa é espinhosa, porque a caterva invadiu todas as manifestações da Arte, e até sob o ponto de vista industrial é digna de nota. Ella estendeu-se ao jornalismo, aos editores e aos empresarios e vae sendo nociva a todos nós, artistas novos que nutrimos a nobre illusão

de tornar a Arte profissional e publico que tem a pretensão louca de não ser enganado.

Pobres artistas e pobre publico! A massa de cabotinos impotentes para os esforços honestos e são ha de, com a sua actividade criminosa, sobrepujar-nos talvez.

Mas não. A coragem não nos falta, para atravessar, de chicote em punho, firmes no proposito de não nos deixarmos enlameiar no atoleiro, esse circulo de improbos e de idiotas, que se orgulha com as fétidas produções dos srs. Abel Botelho e Julio Dantas, que conseguiu corromper o valente crítico dos *Gatos* e arrancha ás mesas do Suisso, a ouvir as imbecilidades do Morraes Carrevalho, ou as calinadas do Santos Tavares.

*
* *

Ha pouco tempo, foi para ahi dado aos prélos um livréco, que nas mãos de Lombroso havia de ser tratado com o mesmo amor com que um bacterologista trata uma cultura de microbios damninhos.

Não porque elle tenha maus intuitos, o misero producto d'uma idiotia inoffensiva; mas porque revela o *krack* d'um fundo intellectual que nunca foi muito grande,—benza-o Deus!—mas que chegou agora a uma extrema afinação de pobreza.

Esse livro chama-se: *A minha candidatura por Mogadouro*, e é devido á penna d'um magistrado portuguez, o sr. Trindade Coelho.

Antes de nos referirmos a esse invejavel talento ou de criticarmos sequer a tal *candidatura*, vamos dar ao leitor a idéa do que é aquelle livro.

Comecemos pela bajuladora dedicatoria ao rei Carlos, que tem esta citação:

Domine, salvum fac regem...

E' uma especie de comedia dividida em tres actos e um epilogo, e tem bocadinhos d'oiro, como este:

Mas...
Porém...
Todavia...
Não obstante.
Comtudo...
... o vinho—não veio!
Nem mais resposta.
Nem mais recado.
Nem mais mandado.
Moita...

Vae a gente a pensar que lê um bocadinho de grammatica, e dá com a exposição d'um facto intimo que só pôde interessar o sr. Trindade Coelho.

Afinal, pelo livro fóra encontram-se a cada passo d'estas babo-seiras que só um desequilibrado, no ultimo grau de insania, se lembra de fazer publicas.

Outra delicia litteraria:

—Azabumbou a minha!
—Azabumbou a do pae do rapaz!
—Azabumbou a da minha comadre!
—E azabumbou a do proprio rapaz.

Tudo isto é escripto pelo processo que Lombroso chama *de degenerados inferiores*, isto é, com muitos pontos de exclamação e n'uma só linha; tambem allí ha o abuso do typo normando para distinguir coisas de nenhuma importancia—stygma de graphomania apontado no *Homem de genio*.

E o que vem a ser esse opusculo de 137 paginas, senão um apontoado de disparates, escripto com o fito unico de fazer falar de si, e fazer escandalo com a sua pessoa? Porque ninguem se importa com os pormenores caseiros d'um homem, ainda quando elle é delegado, nem com a publicação da sua correspondencia particular; nem, por outro lado, faz alarde d'essas coisas uma pessoa de cerebro são.

Estamos pois assentes n'isto:

O sr. Trindade Coelho é um degenerado inferior com laivos de maniaco. Como tal, não faça livros. Ou, pelo menos, rescinda a impulsão mórbida de escrever a piéguices estopantes como *Os meus amores*, esse livro de contos adocicados e semsaborões, e deixe-se de atormentar o espirito do pobre povo de Bragança, que provavelmente não lhe fez mal nenhum, com rimas e parabolás.

Ainda um alvitre: Visto que se mostrou na *choca* tão bom psychologo de passarada, porque se não faz gallinheiro?

Manuel Cardia.

A consagração de Eça de Queiroz, ou a vingança do conselheiro Accacio

DEPOIS que o sr. Fialho de Almeida, de Cuba (Alemtejo), demonstrou, em algumas columnas de prosa macissa, que Eça de Queiroz não era um escriptor nacional, e não passava, pelo contrario, d'uma reles contrafacção estrangeira, ninguem julgava, decerto, ouvir mais fallar no escriptor morto, e pela minha parte, o resto da grande admiracão pela sua obra, eu escondia-o á vista dos mais, como uma vergonha que não se podesse confessar.

Demais o sr. Silva Pinto, que nas *Noites de vigilia* tinha ainda chamado grande artista ao auctor da *Reliquia*, applaudiu o artigo do critico; e esta mudança tão rapida de opiniao, não podia deixar de ser, segundo o meu modo de ver, d'uma influencia mais ou menos decisiva das palavras da aguia do Alemtejo sobre o gallo do *Pimpão*.

Eça de Queiroz estava, decididamente, bem morto e o enterro patusco, que passou n'aquelle dia de outubro entre candieiros de luto e burgueses barrigudos, era bem certo, que tinha sido ao mesmo tempo o da sua *carcassa* e o de toda a sua gloria litteraria.

Não poude, pois, deixar de ser muito grande o meu espanto ao ver um dia, n'um jornal, que se ia fazer uma consagração ao Eça! e ainda mais—que a arte portugueza comparecia, que o rei ia, que o ministerio ia, e que até o conselheiro Accacio tinha dado a sua palavra de honra que não faltava.

Esperei—sempre tinha empenho em ver o que iriam dizer esses ronceiros admiradores de Eça de Queiroz, tão pouco portuguez, que até

morreu longe da sua familia, quando a dois passos de nós, o *Suisso* é o ninho das grandes corujas do Genio, onde ha sempre um bater de azas glorioso.

Domingo, dia d'um grande sol, acariciando os predios altos e as arvores rachiticas da cidade, com toda a caricia d'uma mãe por um filho enfezadinho.

Dava vontade de andar cá por fóra pelas ruas; sentirmo-nos com saude, desafiar o sol. Comtudo, n'uma admiravel renuncia da vida, dirigi-me (salvo seja!) para a Academia Real das Sciencias, onde se ia representar a consagração, e entrei a larga porta, junto da qual um guarda municipal de espingarda ao hombro, tinha (talvez para nos irmos costumando desde a entrada) já uma vencedora cara de estupidez.

Na sala, pouca gente: um excellente rapaz que, por signal, fez pouco depois um pessimo discurso, veio receber-me, e aos meus companheiros, amavelmente; á porta, alguns litteratos, muitos parvos, senhoras bem vestidas e meninas bonitas; o rei não estava: do governo, dois ministros, um dos quaes, ainda novo, tinha cara de tyranno de estampar, e lá no fundo sentava-se, muito saudavel, o sr. Ramalho Ortigão.

Foi dada a presidencia ao sr. Theophilo Braga, secretariado a distancia por dois academicos.

Este senhor discutiu e apreciou debaixo da sua maneira de ver, sempre muito sincera, quero crel-o, o romancista do *Primo Basilio*.

O illustre escriptor, não é, certamente, um artista da Palavra; mas esta consagração podia muito bem ter ficado no discurso do homem mais trabalhador da sua geração, que ainda é, de todos, o que mais devemos respeitar pela sua evolução intellectual e pela honestidade da sua arte.

Seguiu-se-lhe o sr. Abel Botelho. Tem uma voz insinuante, modos declamatorios e gestos bordados a oiro.

Estava fardado, e disse, entre varias coisas que não vinham a proposito, que a technica do Eça era infantil.

O conselheiro Accacio (lá estava effectivamente) applaudiu.

Depois das palavras d'um academico de Coimbra, muito sentidas, por signal, — o sr. João Lucio fez um bello discurso, como artista.

Fechou a sessão com algumas phrases de dois estudantes do curso.

Mas o que houve de mais interessanie no meio de tudo foi uma manifestação feita ao sr. Ramalho Ortigão.

A consagração póde, mesmo, dizer-se que não passou quasi d'isto —disse-se mal de Eça e deu-se palmas ao sr. Ramalho Ortigão.

O sr. Abel Botelho qualificou de infantil a technica do romancista morto; o sr. João Lucio pediu palmas para o bibliothecario vivo—um completou o outro, ambos fizeram a consagração, mas os que assistiram a ella, é que podem sentir-se no direito de perguntar o que foi o romancista e o que é agora o bibliothecario.

O romancista foi um dos maiores artistas do seu tempo; e o sr. Ramalho Ortigão que é, agora, senão um homem saudavel?

Com que direito se póde applaudir, então, um homem, que depois de atacar tão violentamente a sua geração, pactuou com uma outra ainda peor, callando-se cuidadosamente deante de todos os attentados e todas as traições, e, que, ainda, depois de ver morto o seu companheiro da mocidade, deixou a sua memoria ser borrada publicamente por um critico qualquer?

Essas palmas, saibam-o todos, foram a essa traição, a esse esquecimento, a toda essa decadencia—e o sr. Ramalho Ortigão, intelligente como é, devia ter-se sentido envergonhado d'ellas, porque não as merecia; devia ter visto deante de si, a memoria do seu amigo deshonrado, o seu passado esquecido, e no momento em que se ergueu da cadeira, para agradecer aquellas injustas saudações, havia de lhe ter pesado esse crime, como que não querendo deixal-o levantar, toda a sua mocidade indignada!

Sim! foram bem injustas; o sr. Ramalho talvez se sentisse córado de as ter recebido, como os outros, agora, de lh'as terem dado—foi absurdo dizer-se isto a um homem: fizeste bem em esqueceres o teu amigo e és grande por teres trahido os teus ideaes; foi mostrar aos que estavam alli ainda novos e a entrarem na vida o exemplo pavoroso d'uma estatua a um renegado.

Ai! como o conselheiro Accacio se ria!

Mas por que não deixaram o morto em paz? Para que foi necessario juntar ainda tudo isso á podridão em que se está decompondo o seu corpo?

Affirmo-vos que não valia a pena, não, mecher no morto. A sua obra ainda é bastante grande para esmagar todas as invejas que estão latindo em redor, e creia o sr. Ramalho, que a memoria do seu grande amigo ainda não precisa d'esse sacrificio de ter que se sentir incommodado deante de manifestações immerecidas!

*
* *

Quando todos sahiram, o conselheiro Accacio carregava nos olhos uma alegria, capaz de chegar até á sua quarta geração de brutos, cá fóra o sol continuava fecundando a vida, apenas as arvores em frente, parecia agitarem-se extranhamente, como se não fôsse só o vento que lhes mechesse e tambem estivessem puchando pelas raizes os braços dos mortos que não se pódem vingar.

Nunes Claro.

O Pae das hervas

Á PORTA do Suisso, uma noute, ainda o recente livro do sr. Malheiro Dias se estava a imprimir e já os seus amigos apregoavam o futuro successo dos *Telles d'Albergaria*, um escriptor muito conhecido — o sr. Fialho d'Almeida, me elucidava do entrecho da nova obra.

Que era uma novella simples, dizia elle, a historia d'um velho liberal que assistiu ás luctas liberaes de 34 e ao morrer, no Porto, em 91, quando na rua estalava a vozearia da revolta portuense, lhe repassavam na memoria as suas antigas horas de combate. Isto como lh'o tinha contado o proprio auctor.

A CARICATURA

Os Diogenes da Mouraria



À PROCURA DA ROSA...

Apontamento de **Leal da Camara** (1895)

— Uma pequena novella, então, retorqui eu. Mas não seria melhor tel-a ouvido da bocca do proprio velho?

O sr. Fialho d'Almeida sorriu.

— Depois se o livro, continuei, — fôr tão maçador e tão incoherente como o *Filho das Hervas* em vez de nos deliciar o espirito, contunde-o; em vez de attrahir os olhos, repelle-os.

Aqui, o conhecido escriptor não concordou. O *Filho das Hervas* fôra-lhe dedicado e elle mesmo já o tinha elogiado verbalmente. A seu vêr, aquelle romance tinha boas qualidades e se não era um trabalho por ahi além, era comtudo uma tentativa salutar, cheia de verdade, bem delineada, bem conduzida. Demais que o Manoel, amante da Anna era o proprio auctor.

Por meu turno, contradisse a opinião do escriptor.

— Não, essa obra não tinha qualidades nenhuma e estava repleta de defeitos. Era incoherente e era illogica. Incoherente porque na lucta do preconceito da união, entre os dois casaes, — o de Lisboa e o de Coimbra, se havia luz era no casal mau, emquanto que o casal bom, de Queiroz e Maria da Graça, ficavam na sombra. Illogica, porque a these do amor livre para ser apresentada em contraste era necessario confrontal-a com outro casal ligado pelo casamento ás conveniencias sociaes o que, decerto, não era esse, o de Manoel e de Anna. Por cima de tudo havia a preocupação do detalhe, da minudencia, da especulação ao sentimentalismo, e o que era mais, a obsessão da chuva continuada, carregou aquellas paginas, de principio a fim, d'um tedio incrível. As descrições eram longas, e os finaes de capitulo, muito exóticos. Notava-se a mania de imitar Zola, querendo vincar a idéa pela repetição, e o que no romancista francez obedecia a um plano, como succede aos vendedores de cautellas repetindo-nos um numero aos ouvidos para nos despertarem o interesse da compra, no auctor do *Filho das Hervas* vinha a trouxe-mouxe só pelo prazer de encher papel. Emfim o livro, apesar dos cartazes o annunciarem como o melhor romance d'estes ultimos vinte annos da litteratura portugueza, e da *Carta ás Mães*, em salve-rainha, do sr. Dantas, para que perfilhassem o pobre filho das hervas, comprando-o, era uma estopada d'arromba.

— Ora repare o senhor, repeti, n'aquellas creaturas anodinas, meio palermas, que são o pae e a mãe do Manoel, das quaes depende, afinal, o fio de toda a acção, porque são elles, — os velhos, que incutiram o preconceito no espirito do filho, e diga-me se com aquelles dois trambolhos como base d'um entrecho pôde derivar uma obra acciada.

Em seguida, o Manuel além de mau é tolo, porque, para fugir á miseria da amante individada por sua causa, se põe a calcurrear as ruas de Lisboa á noite e á chuva com a mala na mão, sujo e enlameado; a costureirita Anna é inexpressiva, apesar de frequentar a opera em S. Carlos todas as noites, não se sabe como, porque o salario d'um cruzado diario para comer, beber, vestir calçar e pagar o quarto não é demasiado e ella não se prostitue nunca; o Queiroz é um banal; a Maria da Graça, não tem vida; finalmente, repare o doutor nas figuras todas d'esse romance e diga-me se ha ali de bom alguma cousa. Uma trapalhada é que é tudo aquillo, sem pés nem cabeça, sem ligação, sem raciocinio, sem sentimento, um rol de roupa feito com a mira de *epater* pelo tamanho os olhos inexperientes dos espectadores por verem que em Portugal, depois do Eça, ainda ha quem faça livros de 500 paginas!

E n'uma synthese, por vêr que o meu distincto interlocutor continuava a sorrir, talvez constringido da replica, rematei:

— Sabe as vantagens, hoje, d'estes cartapazios? São, arruinarem os editores que nos exploram e dar que fazer aos typographos.

Então, o sr. Fialho d'Almeida, mais expansivo, mas sempre sorridente, com os labios contrahidos n'aquelle sarcasmo que foi outr'ora uma clava e hoje, talvez vencido pelo *meio*, se constituiu em tropheo glorioso da sua antiga força, voltando-se para mim, segredou-me n'uma ingenua confissão:

— Eu ainda não li o livro.

*
* *

Adivinham decerto que o *Pae das Hervas*, com tendencias para Saturno, é o auctor do filho das mesmas hervas e como tal é conhecido agora na roda litteraria de Lisboa. Mas, haverá tambem quem não conheça pessoalmente o sr. Carlos Malheiro Dias e eu quero quanto possível tornal-o conhecido.

E' um homemsinho baixo, trigueiro, d'olhos esboghados, pernas finas, carita em bico, um pequenino buço a espreitar por debaixo de um narizito agudo, typo de collegial muito mexido, muito vaidoso, um todo de menino que não diz nada, e que tanto pôde ser uma esperança como uma nullidade.

Em todo o caso é intelligente e se não fôsse a sua mania de fazer romances a correr, como reportagem trivial para uma gazeta que tem de sair, imprescindivelmente, no dia seguinte, devia ter produzido obras melhores. Só assim se explica a sua gestação de seis em seis mezes, de livros sobre livros, como a renda das casas.

Ora a litteratura não pôde ser feita, agora, d'esse modo, dada a responsabilidade que o escriptor adquiriu para com a multidão anonyma dos que sentem e dos que veem com olhos de vêr e querem alguma cousa de verdadeiro, de sentido, de justo e de profundo nas obras litterarias. Ao proprio sr. Malheiro Dias eu ouvi uma occasião, isto mesmo.

Como se explica então que elle mudasse tão depressa de idéas?

Pois não vae muito longe ainda, aquella tarde, em que, no quarto d'um commum amigo, n'uma *pension bourgeoise* da rua da Gloria, nós fallavamos de litteratura e o sr. Malheiro Dias me affirmava convencido que só uma Arte nova moldurando grandes ideaes, — uma Arte sincera e justiceira, tinha razão de existir no nosso tempo. Elle, para confirmar a sua convicção dizia-me que estava fazendo um romance intitulado a *Fabrica* a que se deveriam seguir outros dois, — um sobre a emigração, outro sobre a vida dos campos, — e n'um impeto, batendo o pé, enfurecido, contra a má orientação da nossa litteratura que já se accentuava videirinha pela penna dos novos cabotinos, exclamára:

— E' preciso gritar, combater, pôr a Arte ao serviço d'uma causa salutar, porque a Arte tem responsabilidades e deveres a cumprir!

No entanto, passados mezes, talvez um anno, sae o *Filho das Hervas*, romance que elle mesmo me tinha dito já estar feito, mas que o inutilisaria ou o reformaria, radicalmente, porque era demasiado romantico.

Porém, nem o reformou nem o inutilisou porque aquelle livro se era romantico, romantico continuou a ser. E a *Fabrica* não appareceu; e a

Emigração não foi combatida; e a vida dos campos, como apothese á sua triologia não foi, nem será, decerto, por elle glorificada.

E porquê?

Porque o sr. Malheiro Dias entendeu, á ultima hora, que não valia a pena sacrificar estudo e paciencia n'uma obra sincera, para o publico.

O que veiu quasi em seguida ao *Filho das Hervas* foram os *Telles d'Albergaria* que é como o primeiro livro uma couça sem sabor, extensa, desconnexa, aborrecida.

Mas, o publico que compra livros para os lêr, não essa gente que os collecciona, simplesmente, como se colleccionam sellos e chromos, tem o direito de exigir ao auctor o quer que seja de novo, de pensado, de educador e ao mesmo tempo de attrahente. E' para isto que a litteratura se creou, de contrario, uma cavaqueira ou uma *blague* dita n'uma roda d'amigos ou n'um chá em familia, bastariam para entreter.

Se a litteratura não servisse para a concretisação das novas idéas, evolutindo com as sociedades, para as documentar e para as encaminhar, de nada tinha valido, n'esse caso, o trabalho de tantos espiritos dedicados á Sciencia e á Arte, porque estavamos muito bem, então, no estado primitivo!

Ora, isto não póde ser porque as noções variam de época para época e n'esse variar se faz o Progresso, se aperfeçoam as especies, se conquista o bem-estar do homem, tão proficuo, tenho a certeza, quanto o nosso esforço seja maior e mais continuado.

*
* * *

Entretanto, se no *Filho das Hervas*, o escriptor que me fallára da necessidade, no nosso paiz, d'uma Arte sincera e honesta, abandonou o seu plano, crendo talvez, que a gloria lhe adviria pela quantidade e não pela qualidade, nos *Telles*, o seu novo romance, ainda vincou mais este despropósito.

N'este livro com preocupações á ironia finíssima do Eça o que ha de rasoavel é o conhecimento do meio provinciano, pois, quanto ás figuras continuam a ser banaes, tropegas, uma especie de manequins sem uma grande acção ou um forte temperamento que as resgate da banalidade.

O João d'Albergaria, o tal velho que morreu em 91, no Porto, quando nas ruas da cidade estralejavam os tiros da revolta portuense e elle suppunha ouvir o tiroteio das luctas liberaes de 34, — esse mesmo, o mais naturalmente conduzido, é no fim de contas um parvo, sempre agarrado á sua *Obra*, ás suas *Leis Moraes*, cousas que só se conhecem pelo nome, e tudo nos leva a crêr que serão tolices, pois elle proprio é um parvajola cuja virilidade, ao menos, não se revoltou um dia, contra o fanatismo idiota da mulher, a D. Margarida, apesar de constantemente dizer a um filho, — o Joaquim, que se ia revoltar. Esse Joaquim, feito doutor, segue-lhe a mesma pista, e o Luizinho, o genio mau, segundo filho do casal, chega a ter graça pelas baboseiras em que o auctor lhe entala a existencia.

Um dia, este rapaz mata um cão e logo o pae, o sonhador (melhor se diria o palerma) grita desaustinado:

— Quem mata um cão mata um homem!

D'ahi, para comprovar que o pae tinha razão o sr. Malheiro Dias faz com que o pequeno, passados poucos annos, mate um homem!

E toda a base moral do livro assenta n'essa asneira.
Emfim, uma ridicularia tudo isto e de tal ordem, que eu fico-me a pensar se o auctor dos dois romances é realmente aquelle com quem conversei na *pension bourgeoise*.

Pois dão-se alviçaras a quem achar o outro!

Fernando Reis.

O bom caminho

(Do *Coração do Sul*)



Se o Amor um dia te bater á porta
Abre a tua porta seja lá a quem fôr.
—Que vale a virgindade para a morta
Que não viveu porque não teve amor?

Abre os teus braços; sê fecunda e grande.
Dá os teus beijos a quem quer que os peça.
—Ventre que alteia é vida que se expande,
E a pureza, ao passar, baixe a cabeça!

Que acima da virtude existe a Mãe
De olhar sagrado e de sorrir fecundo
E que, de nove em nove menses, vem
Tirar do Nada um ser para este mundo.

A bôca fez-se para ser beijada
Como a terra se fez para dar trigo;
E, se era casto todo o amor antigo,
Esse nem era amor nem era nada.

O corpo que se entrega na esperança
De ter um filho, todo o seu desejo
A Vida abençoou-lh'o, — porque o beijo
E' o primeiro vagido da creança.

Bôca com bôca, peito contra peito,
O mundo acaba por caber num quarto;
A propria dôr torna o viver perfeito
Quando é fecunda como a dôr do parto.

Mudam os homens, ficam-se os desejos
Sempre os mesmos no Tempo e nos Espaços:
A eternidade está nos nossos beijos,
Dorme o futuro sobre os nossos braços.

E a terra ha-de sentir, de sul a norte,
Passar a grande raça com que a invade
O amor fecundo que até vence a morte,
A prolongar-se pela immensidade.

Só se morre de fome nos extranhos
Bêcos e ruas onde falta o ar.
A Raça augmenta? — Os campos são tamanhos
Que hão-de dar pão a quem os cultivar.

Não falta céu para cobrir os berços
 Nem falta amor para os encher de gente ;
 Por uma enxada eu tróco estes meus versos
 Se aos filhos não houver quem os sustente.

O braço é fraco e o musculo hesitante
 Pois nada manda o braço aonde elle vae :
 E o braço, fraco emquanto fôr de amante,
 Será gigante quando fôr de pae.

E a Mãe que traz um filho no seu ventre
 Que o mostre ao Sol, a vêr se nos seus brilhos
 Enxerga a Natureza a hesitar entre
 Uma Mãe que floriu e um Sol sem filhos.

* * *

No entardecer d'este final de outomno
 Com folhas a cair serenamente
 Como ultimas palavras de um doente,
 Vê-se que a terra vae dormir um somno.

Ainda ha flôres nos ultimos arrancos ;
 O Sol, a mêdo, espreita os horisontes.
 Arvores amarellas, pelos montes,
 Põem a paysagem com cabellos brancos.

E vae dormir o somno appetecido
 A grande Terra onde o amor passou,
 No sagrado descanso merecido
 De quem floriu e quem fructificou.

O somno póde vir depois da Vida
 Já ter enchido a terra de semente :
 Lá está o grão na Mãe adormecida
 A germinar silenciosamente.

— Assim amou a terra. E a mulher
 Deve ser tal qual ella no amar
 Porque a terra só ama quem tiver
 Força bastante para a fecundar.

* * *

«— Mas a vida está dura e o pão está caro,
 «As lagrimas, aos poucos, formam rio
 «E o sol nascente, fecundante e claro,
 «Não aquece o amor que está com frio.

«Um horizonte pallido e sereno
 «A descer sobre nós faz o céu estreito ;
 «A vida de hoje pésa sobre o peito
 «E o coração vae-se a fazer pequeno.

«E, para quem agora se aventura,
 «O ter um filho já não é florir :
 «A nossa raça é uma ameaça escura
 «Na tragica mudéz do que ha-de vir.

«Mulheres da cidade não têm ancas ;
 «E de que serve amar, com a suspeita
 «De que em ninhadas de creanças brancas
 «E' onde a morte faz melhor colheita ?

«A's mães do campo falta-lhes o pão...
 «Mas os filhos têm pressa de crescer
 «E ellas não pôdem dar o coração
 «Quando pedirem pão para comer.

«P'ra cada amor são tantas as desgraças,
 «Tanta dôr, tanto mal, que hoje no mundo
 «O amor é sensual e infecundo
 «E séca as fontes d'onde brotam raças.

«Os beijos primitivos, fecundantes,
 «Que o sol da primavera nos ensina
 «Esconderam-se dos olhos dos amantes
 «Como se esconde a arma que assassina.»



E, áquella voz desanimada e presa
 Que me fallava em nome dos Vencidos,
 Eu respondi por toda a Natureza :

Lgrimas, ais, soluços e gemidos !

Fallo em nome do Sol e da fremente
 Vida que nasce pelos campos fóra ;
 Fallo em nome da Flor e da Semente,
 De tudo quanto ri e quanto chóra !

Fallo em nome dos anjos sepultados
 A rirem pela bôca das roseiras ;
 Fallo em nome da força dos arados,
 E a minha voz é a voz das sementeiras.

E digo-vos, ó Mães, que é o desejo
 Que faz crescer a vide e o pomar,
 Pois cada bôca que nascer de um beijo
 São mais dois braços para trabalhar.

Mães da Cidade ! abandonae a Rua,
 Ide p'ra o Campo, e a vossa geração
 Não abrirá a terra com o caixão,
 Mas ha-de abri-la a golpes de charrua.

Despi velludos, rendas e vaidades,
E os vossos filhos, fortes como touros,
Valerão muito mais que os anjos louros,
Lirios morrendo á sombra das cidades.

As Mães, em frente á grande Mãe, que tomem
Tento no Sol, a ver como os pinheiros
Nascem serenos, fortes, sobranceiros,
—Para aprender como se faz um homem.

Para os vergar tem que nascer um raio
—Que é quasi uma traição do firmamento ;
No inverno dão abrigo ao musgo e, em Maio,
Os troncos choram de enternecimento.

Bem sei que o braço é fraco e a terra é dura,
E são precisas almas obstinadas
Para ver gloria nessa lucta obscura
De abri-la toda a grandes enxadadas.

Mas uma coisa para ter valor
Tem que custar bastante a conquistar
E ha um monte p'ra cada cavador
E quasi a Terra inteira p'ra cavar !

Nessa lucta de todos os instantes
Que fortalece o peito dia a dia,
Hão-de alcançar a força da alegria
E a suprêma bondade dos gigantes.

O pão não falta : a Terra chega e sóbra ;
E, grata, inculca, illimitada e escura,
Aos pés do Amor fecundo ella desdobra
Um horizonte immenso de fartura.

E a Terra ha-de lembrar, quando o Sol baço
Beijar as terras úberes e pretas,
Uma colmeia arremessada ao Espaço
Que tem por andorinhas os cometas.

Pergunta alguém : «Para onde vae e pára
«Esse teu coração que assim se expande?»
—Vae pela Vida, porque a Vida é clara;
Vae para a Morte, porque a Morte é grande.

Novembro, 1900

Silvio Rebello.



O novo gageiro da "Flor da Murtha"

.....

Às dez da noite, em Setembro, mar chão, ligeira brisa a levantar-se de noroeste, a barca *Flor da Murtha* em cabotagem para o sul, com escalas, ancorou na bahia, ao largo, para entrar a barra na madrugada.

Depois da faina de lançar ferro, o capitão encaminhou para a cama. Abria a porta do beliche quando ouviu passadas descalças seguindo-lhe a esteira. Voltou-se. Na sua frente parava a figura corpulenta do Salgueiras. Desbarretado, compromettido, balbuciante, o marujo cortejou fazendo-se humilde, apitorrando-se:

— Patrão Anselmo... se dêsse licença...

— Que é lá?

— Era um pedidosinho... patrão Anselmo...

— P'ra quê?

Mais tardo, parecendo esquecer os vocabulos perante a pergunta sacudida e tonitruosa do homem acostumado a dirigir manobras sob os arruados das tormentas, o Salgueiras explicou:

— P'ra ir n'um nadinha á terra... patrão Anselmo... Na canôa... um nadinha só... p'ra dar um abraço á mulher... um beijo ao pequeno...

O capitão coçou a barba no queixo.

— Diabo... homem... Essa coisa...

Confiava nas palavras do marujo... Sabia que elle tinha ali a casa, na praia... Mas áquella hora...

— Isso não podia ficar p'ra quando estivermos lá dentro?

E acenava o porto.

— E' que eu não tardava nada... patrão Anselmo... Palavra d'homem... não tardava nada...

— E vaes tu só?! Não levas nada contigo?!

— Que hei de levar, patrão Anselmo?!

— Sei lá!...

Pensava n'algum contrabando, coisa que lhe fôsse dar trabalhos.

— Palavra d'homem... patrão Anselmo... E' só p'ró que eu disse... p'ra mais nada, patrão Anselmo...

— Bem. Pois então ala! Mas olha que á meia noite precisa-se dos teus pharoes... Diz lá ao *sôr* piloto.

N'um prompto, o Salgueiras deu parte da licença, saltou para a canôa de bombordo, desmarrou os cabos, e de pé a meio do barco, cada mão em sua corda, foi alando até cahir na agua. Laçou os cabos de maneira a enconral-os sêccos e preparados para rapida manobra, quando voltasse, e remando á serena, aproou para terra, para um canto da praia do seu conhecimento, lugar de abrigo para o batel e de completa solidão.

Aquella ancoragem inesperada, ali mesmo, a dois passos de casa, déra-lhe uma alegria de creança, a elle, ao passo que ensombrára o tostado semblante rigido do capitão-armador. Fôra uma calmaria nas Berlingas, durante horas de um quarto, que motivara o atrazo do navio. Se não tivesse cahido a bemfazeja folha de vento, a esta hora lá estava elle

pela barra dentro, no ancoradouro ou por perto, e talvez a carga para largar e receber lhe não dêsse tempo de aprear por um dia para vir vêr a mulher e beijar o filho, como por variadas vezes lhe havia acontecido, não contando com as outras em que, esperançado de passar com elles alguns dias, ao resto vinha a saber que o navio tomava rumo para outros paizes ou continentes, para viagem de mezes, carreiras incertas de demora, mais incertas de boas arribadas. E o Salgueiras, remando de leve, fugindo das reverberações das luzes da praia, agora toda em festins e luxo, por ser epocha de banhos, ia alegre como peixe na agoa, todo gaudieiro por ter conseguido aquellas duas horas de folga que lhe davam tempo para abraçar a mulher... acardumar de beijos a carita do filho adormecido... e beber uma pinga para lastro e á saude do capitão, homem rude; mas de boa tempera, comprehendendo, como elle agora tinha presenciado, o que é o amor de um homem pelos seus!

E se o vinho chegasse, tambem beberia pelos outros, comedidamente por causa do quarto da meia noute, mas tambem beberia por elles: — pelos pilotos, o primeiro alguma cousa grosso de casca, lá por motivos de desgostos, coitado! e o segundo, um rapazote alegre, filho de boa gente, ido para o mar para refrear estroinices... Viriam depois os outros todos... a equipagem...

Eh! Eh! a equipagem da *Flôr da Murtha!* mesmo dois caboverdianos que lá havia!... Fôsem perguntar ao capitão...

— Bons rapazes... gente p'rá manobra... A's vezes perdem o norte lá por terra... mas no mar...

E era vèl-o como assobiava fino, que nem o vento nas enxarcias pelos temporaes, e como estalava com os dedos!...

— Se algum se tem ido embora é por que lhe tem appetecido.

E o Salgueiras contava meia duzia de annos de serviço, e outros que por lá andavam ainda mais, e...

Rocava a quilha na areia, adornava o batel para estibordo.

— Eh, Salgueiras?! Ias a dormir, homem? — interrompeu elle.

Arregaçou as calças, as ceroulas, até ao joelho. Metteu-se á agua com a fateixa ás costas. Meia duzia de passos adentro da areia, cravou-a. A maré estava a encher; mas quando elle tornasse ainda encontraria o ferro a descoberto. Compoz-se. Seguiu rumo de casa. Era lá no alto, na parte velha da villa, onde moravam agora todos os maritimos. Noutros tempos toda aquella parte alta fôra occupada pela gente lavradôra do povoado, e cá em baixo, á beira da agoa, a gente maritima sardinhava. Mas desde que a villoria se convertera em estancia de balneio, os pardieiros da margem tinham sido derrubados por uma forte empreza exploradora e construidos grandes edificios para hospedarias, salas de regalo, theatros, botequins emparedados de espelhos, coisas fidalgas que faziam respeito. Nos campos em torno, magros terrenos de cevada, repartidos em talhões, haviam aberto caboucos para palacetes brazonados, ou leves casotas encimadas de minaretes ou parques de passeio e de jogos.

A gente lavradora emigrava e os homens do mar tiveram de subir. Nem todos subiram, porque das armações algumas foram as que acabaram. Por isso muitos dos antigos pescadores andavam hoje espalhados pelo sul, nas agoas de Gibraltar, outros nas agoas gallegas, e outros ainda, como elle, em qualquer embarcação do mar alto.

O Salgueiras casára havia cinco annos com a filha dum seu antigo arraes de companhia. Antes de se engajar na *Flôr da Murtha* deixara o casamento contractado. Quando a soldada lhe deu para alugar casa,

desembarcou e recebeu a moça. Depois de um anno de casados tiveram um rapazote.

E era, talvez, mais pelo rapazote, pelo desejo louco de o acarinhar, de lhe medir o tamanho, para vêr se já chegaria a gageiro, elle que o não via bons seis mezes passados, que o Salgueiras trepava, quasi de corrida, as ruellas mal empedradas da villa velha.

Ao passar pelo rectangulo de luz amarellenta d'uma tabernoria, alguém o conheceu.

— Eh Salgueiras! Oh Salgueiras?

Mas elle não retorquiou.

Vieram á porta, a chamal-o.

— O' Salgueiras! Olha que somos amigos!...

E elle, seguindo na carreira, sem se voltar:

— Licença apertada... Outro dia...

E dobrou a esquina.

Ainda trepou outra viella, á mão direita. Depois ainda outra, á esquerda. Desembocou numa rua ampla, plana. Lá ao fundo, no predio que fazia cotovello, passada a quina d'onde se dependurava o candieiro da illuminação a petroleo, era a moradia.

Agora, quasi junto dos seus, amainou o andar. Formava-se-lhe um nó na garganta, nó de contentamento, nó de saudade, tambem. Antevia, primeiro, o espanto da mulher, os braços abertos para o receberem, as perguntas de intrigada sobre aquella visita cahida do céo, o acordar do pequeno ouvindo a fallacia dos dois... Sorria á cara de espantado que o petiz havia de fazer... Depois, vinham os olhares attentos para os ponteiros do relógio, a pena devoradora de não os poder immobilisar... E a sahida... a sahida para o mar... outra vez... Até quando?!

A mulher e o pequenote agarrado aos seus hombros... Ella a pedir mais um bocadinho de demora... o filho a dizer a mesma coisa... Elle a consentir... a consentir... Ao cabo, o tempo preciso para desfilar direito á canoa, desamarrear, e á força de pulsos ganhar a sua palavra de homem!

E a cada remada na agoa, os pingos cahidos das pás, haviam de lhe parecer lagrimas do filho, a chorar por elle... a chorar até que o somno lhe viesse tombar a cabecita para o collo da mãe pesarosa.

E o nó de saudade engorgulhava-o, tornava-lhe leve, como arrependido de ter vindo, a mão callosa estendida para a aldraba.

Por fim, bateu. Esperou, sem respirar. Ninguem respondia. Bateu mais forte para despertar o somno dos seus.

A mulher perguntou quem era, um pouco de surprehendida. Elle notou-lhe o espanto. Esteve para disfarçar a voz. Experimentou, mesmo, mas falseando o disfarce, repetiu alegremente: — Sou eu, Joanna.

Lá dentro houve um grito aterrorisado que o gelou.

Depois, mais nada.

Bateu ainda mais forte. Escutou, convulsionado, ouvidos pregados na madeira.

Ninguem tugia. Empurrou a porta. Estava trancada.

Bateu ainda outra vez. Escutou. E o mesmo silencio.

Então lançou de hombros aos batentes. A tranca cedeu, e elle, perdendo o equilibrio, tropeçando no degrao de entrada, foi cahir desamparado a meio da casa. Um grito de pavôr atroou o ambiente em trevas. E duas sombras, rapidas, velozes como pé de nortada, cor-

reram para a rua. Ergueu-se. Foi-lhes no encalço. A' luz do candieiro, na quina, viu um vulto fugir em desalinho de roupas, e mais longe, nas trevas mais intensas depois do espaço alumiado, os seus olhos affeitos ás vigias da prôa em noutes escuras, mostraram um outro, cosido com a parede. Ia para os seguir, doido, febril, magoado. Vagiram dentro de casa. Encostou-se, abatido, á hobreira do portal. Escutou. Aos vagidos seguiram carpidos infantes de quem sonha afflicções. Era o filho. Retrocedeu. Raspou um lume no muro. Entrou no quarto. Acendeu o candil. A cama estava revolta. No chão, entre roupas esquecidas pela fuga, destacavam, irrisorias, umas luvas amarelladas.

Mostrou o punho para a porta :

— Ah garça !

Achegou-se do leito do filho. O pequeno acordára. As mãositas esfregavam os olhos feridos pelo brilho da luz. Esperneava, mal acordado. Encarou a figura pendida sobre a cama. Ergueu-se de salto e estendeu os bracitos para o pescoço do marujo, a rir, a chilrear muito.

— Pae ! pae ! oh pae ? !

O Salgueiras pegou-lhe ao collo. Aconchegou-lhe do corpo toda a roupa da cama e de vestir, e mudo, a beijal-o muito, a estreital-o, sahiu de casa tomando o rumo da praia.

Pousou a creança na areia, em lugar enxuto. Puchou o barco quanto poude, desencravou a fateixa, acantoou-a sob o banco da prôa.

Foi pelo filho, deitou-o á ré, no fundo do batel, e ás cautellas, p'ra que não entrasse agoa ou soffresse abalos com o roçar da quilha e embate das ondas serenas.

— Deixa-te estar quédinho que o pae não se vae embora. . Não bulas, filhinho, não bulas. . .

. . . foi empurrando a canoa, empurrando-a. Nadava ella já, elevou-se na borda, saltou e pegou de remar direito ao pharolim da *Flor da Murtha*.

Acostando á amurada do navio, deslaçou os cabos, prendeu-os ao batel, içou-o á força de pulso. . .

— E' o navio, é. . . queres vir n'elle, não queres ?

— Quero, pae—respondia o filho, muito alegre, olhos espantados, a deixar cahir as roupas de agasalho.

— Mas agora vaes-te deitar quédinho, sim ?

. . . Desceu á coberta. Aconchegou-o na tarimba suspenso das traves do convez. . .

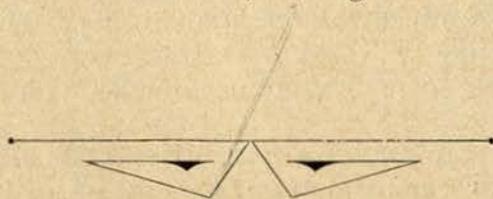
— Faz por dormir, sim ? . . .

— Sim, pae. . .

. . . Embalava-o docemente, surdinando uma trova saudosa de fado. A creança adormecia.

E como badalava meia noite, o Salgueiras entrou de quarto.

Eduardo Perez.



Os Livros

POEMA DO LAR por J. Agostinho d'Oliveira—Livraria Editora,
de Antonio Figueirinhas—Porto, 1901

POEMA DO LAR... Este titulo parece indicar alguma coisa grande: o divino poema da familia, a vida sã do conquistadôr do pão, fazendo-nos antever ou a grande alma do Povo rude ou a santa aspiração dos inferiores, n'uma ancia suprema de revolta.

Poema do Lar! deve ser o *ecce Deus* do nosso coração, a Terra Promettida em perspectiva.

E todavia é apenas uma questão de titulo: uma hora de mau gosto em que o autor talhou uma farda que se não ajusta ao corpo que a veste.

O que verdadeiramente alli ha dentro, são 92 paginas escriptas, que acabo de lêr e pelas quaes só fiquei sabendo que contem versos e que é seu autor J. Agostinho d'Oliveira.

Isto surprehendeu-me dolorosamente, depois das muitas apreciações que se lhe tem feito e muito principalmente depois de eu saber que todo ou quasi todo o livro foi traduzido em francez e italiano!

Todos esses jornaes de provincia se babaram ante as *grandiosas concepções* do autor. Dos que eu li nem um só quiz mostrar que tinha dignidade, affirmando todos que o sr. Agostinho era, emfim, o restauradôr da nossa literatura. Calcou-se a Consciencia e enganou-se o publico que julga dos nossos literatos pelos annuncios.

Positivamente isto é a crise dos espiritos, a ultima baba dos aduladores, que transborda.

Para que me não taxem de maldizente vou mostrar o livro: Abre elle com uma carta de Gomes Leal... Logo aqui andou mal avisado o auctor em pôr á frente a sua condemnação. Gomes Leal, a pedido d'um amigo, diz d'elle o que se diz de todo o mau poeta: isto é, que *tem versos magnificos, cheios de virilidade, muito superiormente fundidos e burilados*, e que as suas versões *tratam bem a syntaxe!* Antes d'isto protesta contra o livro e depois d'isto contra o livro protesta. Vem em seguida *Duas palavras* do auctor, que eu não comprehendo lá muito bem, porque soffro de obtusidade perceptiva.

Passando ao verso, logo á entrada está um soneto que diz a quem chega:

Ai! pobres versos meus! que dôr encerra
O ver-vos derivar, da triste fragua,
Na poeira do Desdem...

Como se vê, o auctor vae contra a opinião dos seus criticos: conhece que o premio dos seus versos será o Desdem, o que nenhum dos criticos sequer pensou.

Ha em seguida um *Preludio*, cheio de aparições pantagruelicas, onde Agostinho d'Oliveira diz o que lhe parece e ainda mais alguma coisa.

Ainda aqui se não entra no assumpto que começa de vez com a *Morte da avezinha*. Esta *avezinha* é engraçada n'um dialogo que tem com a ave-mãe.

— Aonde vamos, Mãe?
— Aonde vamos? Ao paraizo da Vertigem!
Walsar com as aragens do caminho!

Começa esta poesia a paginas 22 e ahi por 29 é a pobre volitante victima d'um miseravel sapo, que revira os olhos de prazer, ao sentir no bucho tão saborosa petisqueira.

Segue a traducção italiana da mesma poesia e depois o *Sonho da torrente*, a maior poesia do livro. Não posso deixar de mimosear o leitor com um breve resumo da peça.

E' meia noite. A Terra dirige á Solidão as suas amargas queixas, n'uma fala de 3o versos. Responde-lhe a Lua:

— As horas vão passando,
Minha Dona, Senhora minha em flôr!

A Terra replica-lhe, mas vem interrompel-a o *Satellite pio*, que exclama logo á entrada:

— Duas horas!...
Cae negro chumbo em cima do Universo!

Depois entra em scena um quarto personagem, a Aurora, que começa por dirigir os seus cumprimentos á Terra:

— Bom dia! Ergue-te, vamos, d'essa cova!

Fala depois ás cotovias, aos pombos e termina por convidar as toupeiras a uma somneca:

— Ide dormir, toupeiras!

Apparece depois o Sol, e a Terra manifesta-lhe o receio que teve de que elle arreganhace lá no infinito... E o Sol tranquilisa-a: que não, mas se por desgraça assim acontecer, ella o resuscitará

Na braza lancinante d'um gemido!

Depois do que se abraçam e beijam com tal furia que a Terra páre logo alli uma *Torrente*!

E com a chegada d'este novo personagem, abre-se um novo dialogo: até as aves, um pouco atrevidas, metem o bico na conversa. Mas quem tem agora a palavra é a *Torrente*, que n'um discurso de 3o versos, manifesta á desolada mãe que se vae embora: a mãe não gosta d'a-

quella ingratição filial e chama-a... A filha porém dá logo ás de Villa Diogo. Por toda a parte onde passa encontra grandes personagens com quem trava dialogos gigantes. Chegada ao pé d'um monte faz tal zaratoga

Que o proprio Deus se assusta,
E cae do engaste a pallorosa Lua!

E aqui o monte exclama indignado:

—Para traz, miniatura do Trovão!

A Torrente vence a questão e vae ter ao Mar a quem bota logo discurso, arrependida de alli ter vindo dar. Aproveitando o silencio dos contendores, exclama o poeta:

Mas vem, ao largo, o estalo d'um chicote;
Desaba uma parede tão brutal,
Que a submerge, como se fosse a um bote,
Sem que nada denote
Uma alma n'este monstro a cuspir sal!

E aqui o mar rasga-se de repente e o Arco-Iris segue abraçado á Torrente, que volta para a mãe, que lhe dá uma descompostura em termos brandos, depois do que se abraçam e trocam entre si a respectiva beijoca. Eis o fim tragico da Torrente.

Resta a ultima parte do livro: a *Ressurreição*, a que se segue um *Post Scriptum* e algumas traducções do francez e do italiano.

Foi pena que os criticos de Agostinho d'Oliveira não comprehendessem a carta de Gomes Leal... Assim é um desaforo: um chama-lhe *estrella d'alva que apparece no campo da literatura*, outro que o Poema do Lar, é *um precioso bouquet* e um terceiro que *tem versos que nos fazem saltar o coração no peito de contente!*

Até o sr. general Sousa Macario botou poesia:

Salvé, livro d'um amigo!
Salvé, livro portentoso!
Prova que de mim se lembra
Quem me faz viver saudoso!

Ah! seu Macario, seu Macario! não ser o sr. cá do nosso tempo e ter as mãos tão duras já para a palmatoria!

Outro critico diz que o livro é feito em estylo allegorico... Foi talvez este que decidiu a questão. Eu ter-me-ia calado se todos me dissessem que aquillo era estylo allegorico, porque eu não comprehendo nada d'essas coisas, e o auctor só teria a ganhar com a minha ignorancia. Na verdade aquillo deve ser estylo allegorico, petisqueira só para genios e não para profanos como eu.

Se o seu editor, Antonio Figueirinhas, me tivesse dito que o estylo do *Poema do Lar* era d'esse estôfo, não me teria feito irritar tanto os nervos, quando fez do seu biographado a oitava maravilha do mundo.

Positivamente, aquillo foi chuchadeira da sua parte; se o não foi

deve-nos uma satisfação, por ter feito das nossas pessoas uma sucia de camellos.

Outra coisa se não conclue das suas palavras quando nos diz que a obra de J. Agostinho ha de ser *formidavel, prodigiosa, inconfundivel*, e que *ha de caracterisar em Portugal o inicio do Seculo!*

Isto, se não foi chuchadeira, foi uma acção má, feita ao pobre rapaz, a quem os senhores mettem a ridiculo. Eu no lugar d'elle, apesar de aborrecer de morte o duello, enviava-lhe padrinhos.

Porque afinal esse rapaz deve ser honesto, uma d'essas consciencias boas que só se encontram na vida provinciana. E' por certo mais digno do aperto da nossa mão do que muitos d'esses bem collocados, que atravessam as nossas ruas, olhando do alto os que soffrem, e não trocará de certo uma bôa acção por um punhado de libras. Assim o mostram alguns bocados de boa prosa que d'elle tenho lido.

Eu não conheço pessoalmente Agostinho d'Oliveira nem elle suspeitará sequer da minha existencia n'este valle de lagrimas.

O motivo que me leva hoje a fallar d'elle não é nem o odio mesquinho das pequenas consciencias, nem a inveja, porque a sua obra não é para motivar invejas. A injustiça dos outros é que me revolta, é para elles e só para elles que são as minhas palavras. Creia Agostinho d'Oliveira que se todos lhe tivessem feito justiça, isto é, se todos se calassem quando as suas obras appareceram, fazendo-lhe vêr, pelo silencio, que não tinha sido chamado, eu ter-me-ia calado tambem n'este momento, pouando-o assim á justiça da indignação.

Espero que em breve se capacitará da imbecilidade de certos criticos que dizem bem de tudo.

Eu infelizmente falo com experiencia: tambem fiz um livro detestavel, cuja leitura não recommendo a ninguem, e tambem procederam commigo injustamente os dois ou tres que se occuparam d'elle.

D'alguma coisa nos ha de servir a experiencia: a voz d'um experimentado cala sempre mais fundo na nossa alma.

O nosso dever, pois, é escorraçar da nossa casa o mau critico, fazel-o *vestir os farrapos que merece*, até que se veja obrigado a *deixar o logar que usurpou, afocinhando na banalidade d'onde veio...* Estas palavras são de Agostinho d'Oliveira que logo acrescenta: *não é na atmospheria dos cafés, entre golos de alcool e depravações maledicentes, que felizmente se escreve a Historia.*

Mas porque diabo não pensou V. assim ha mais tempo, ó Agostinho d'Oliveira?

N'esse caso sabe tão bem, ou melhor que eu, que todos esses que lhe encharcaram o nome de adjectivos não podem nunca crear-lhe uma reputação. Para isso é preciso o trabalho doloroso de cada hora, o supremo esforço individual na marcha constante para as regiões do Bello, do Util ou do Verdadeiro.

Não sei se V. conhece aquella passagem de Juvenal, onde o grande Poeta, lamentando o assassinato de Cicero, cita aquelle celebre verso do grande tribuno: *O' fortunatam natam, me consule, Romam!* e em seguida exclama: «Ah! Cicero, se sempre tivesses feito d'estas não te teriam cortado a cabeça!» Pois esse verso detestavel evoca-nos Cicero-Poeta. Conta-se que chegava a fazer quinhentos versos por noite em opposição a Virgilio que se contentava muitas vezes com um só.

Isto é uma boa lição para os que teimam em nos dar um livro cada anno.

E afinal eu não sei se elles é que teem razão. . . Assim teem a certeza do seu destino, sabem de antemão que morrerão na tranquillidade lôrpa da sua nullidade, sem que ninguem lhes peça contas nem pelas offensas feitas ás divindades, como a Eschylo, nem pelas maldições louçadas á face dos imperadores, como a Juvenal e a Hugo. Porque ser poeta, assim, é ser consagrado, é ser inviolavel. E' o que vulgarmente se chama *nullo*. D'estes ha varias especies: uns são os *fraldiqueiros*, porque se servem das fraldas para alcançarem a celebridade. A sua importancia termina quando começam as rugas na face e as *brancas* na cabeça.

Ha outros a que se pode chamar *louvaminheiros*. (Se quer, ó Agostinho d'Oliveira, fique n'estes que eu dispenso-o d'aquelles.)

Louvaminheiros são os do elogio mutuo, esses que apparecem em toda a parte, subindo a encosta da gloria ás cavalleiras. Não sabem andar pelo seu pé, por isso servem-se das costas do parceiro (o parceiro aqui é o mau critico e o mau leitor) para treparem. Mas já ha quem tenha juizo: não se monta impunemente um critico sem que outro venha motivar uma cambalhota. Isto, é preciso, hoje mais que nunca, para conservarmos a moralidade da nossa tenda.

Porque esta invasão de aduladores faz mais estrago na educação artistica d'um povo, do que uma matilha de lobos n'um rebanho.

E se nós já temos, graças ás instituições vigentes, para cada burro sua facha, isto é, o açaimo para o cão, o peso do tributo para o Povo, o juiz Veiga para o pensamento, e para o jumento a espóra, porque não haverá o chicote para o aduladôr? Se Agostinho d'Oliveira tivesse pensado n'isto, não teria a estas horas um livro que lhe ha de apodrecer nas montras, e de que se ha de arrepender antes que lhe venham os cabellos brancos, se é que já os não tem.

E depois, que diabo, ha tanto que fazer! Porque é que se não educa o Povo em vez de o explorar?

Prégue-se a Cruzada santa da Humanidade, a aspiração dos entenebrecidos, o sonho dos opprimidos, fazendo, com o exemplo, calar-lhe as nossas palavras no coração. E' n'isto que se resume toda a utilidade do homem sobre a terra.

Por isso, companheiros de trabalho, vamos. . .

Thomaz da Fonseca.

*
* *

O POETA SAUDADE por Affonso Lopes Vieira.—Livraria Editora de França Amado.—Coimbra, 1901.

Affonso Lopes Vieira é afinal um lyrico, e comquanto tenha pretendido por vezes guindar-se ao tom épico de certos *romances* medievaes, o seu verso traz sempre um subjectivismo egotista exprimindo o mal de viver, de que o poeta não consegue libertar-se.

Desde que em Recanati, com esse enfermiço Leopardi, nasceu a poesia pessimista, toda cheia de dolencias, enfermiça tambem, durante um seculo inteiro, se abstrahimos da corrente pantheista dos Tennysons e dos Junqueiros, vem essa especie de boi de nóra arrastando o *ritornello* das suas monotonias, moldar-se ora no mystico ramerrão do pre-raphaelitismo, ora nas romanticas toadas populares de Steccheti, aqui al-

terando a fôrma, ali envolvendo nas arestas da ironia os seus conceitos, mas sempre banal, enfadonha já de tanto usada, anodina emfim.

E quando hoje um poeta novo, sondando os recessos d'um cerebro ôcco de Ideal, installa a taboleta d'esse pessimismo coçado, surge-nos logo a idéa não só d'uma grande falta de sinceridade, mas ainda de que o objectivo d'aquella profissão de fé, é simplesmente, atarantar o burguez.

Hoje, á Poesia estão destinadas missões muito mais nobres do que a choramingas tarefa das lamentações serodias. Cabe-lhe um papel militante, essencialmente viril: cantar a Vida, as forças da natureza, a fecundidade do esforço. E que amplo horisonte ella abrange! A maternidade, a semente, o amor—para espalhar pela Terra; as injustiças sociais, a dôr dos que não teem pão e as lagrimas dos que não teem affectos—para que o Bem fructifique!

As delicadezas das imagens, e a sonoridade dos versos, as suaves tintas do Sentimento, são predicados e meios, não são fins! Com o despedaçar d'essa illusão, morreram symbolistas e decadentes, todos os que fabricaram litteratura segundo as formulas de Morice.

No *Poeta Saudade* abundam imagens originaes, mas não ha imagens fortes; procurei ali em vão o Sentimento, confesso que achei só o Sentimentalismo.

E comtudo a fôrma attinge por vezes a perfeição, ha poesias primorosas e nota-se no poeta uma nostalgia do passado, que já existia nos seus precedentes trabalhos e que produz a evocação de glorias idas, como uma evocação de espectros.

E' este um dos stygmata de impotencia que mais communmente encontramos indicados; e denota ainda um espirito completamente vazio d'aspirações, que, não podendo cantar as esperanças e as ambições do Futuro, se compraz na recordação de tempos em que um inferior grau de civilisação tornava gloriosos os triumphos do forte contra o fraco.

O messianismo primitivo encontra em Affonso Lopes Vieira um visionario; mas é preciso vermos que esse messianismo justificavel nas sociedades ou nos individuos de atrasada evolução mental, é n'um auctor do nosso tempo, que não podemos arguir de ignorante ou ingenuo, mais uma affectação censuravel de mysticismo que documenta fortemente a affirmativa d'uma balofa constituição cerebral.

Ainda ha, digno de nota, um outro artificio empoeiradissimo que atravessou sessenta annos de uso constante, desde Rossetti e Swinburne até ao senhor Lopes Vieira, passando por Péladan, Maeterlinck, e mesmo em Portugal, por Julio Brandão e Eugenio de Castro: é a preocupação dos numeros cabalisticos e a crença que só aos fracos de espirito acóde, nos prognosticos e nos signos de superstição. Ha por exemplo no *Poeta Saudade*, uma vinheta, que tres vezes no decurso do livro encontramos reproduzida, representando sete flôres; uma poesia intitula-se *cantiga das sete saudades* e tem estrophes como estas:

Sete vezes m'alemrastes
no adeus,
E sete vezes chorastes
olhos meus.
.....
Ali com minhas tristuras
me quedei
E sonhei sete figuras
que contei.

Ou ainda :

.....
E as *sete* engeitadinhos
levaram.

Que afinal este numero sete, apparece profusamente em todo o livro, como uma obsessão que o poeta arrasta constantemente. No segundo soneto da *Jornada Segunda* (porque o livro é dividido em tres jornadas, á maneira antiga), diz o auctor :

Sete vezes coitado de quem chora
.....
Sete vezes coitado e desgraçado

E logo no soneto IV :

andaveis n'nm jardim, quando chegaram
Sete fadas,.....
.....
..... afillhada.....
De *seje* fadas que vos embalaram

E assim por deante, repetindo-se no resto do soneto, a palavra *sete* ainda duas vezes. Não é um soneto, é uma cabala de astrónomos egypcios !

O soneto XVI é dedicado ao sete-estrello e n'elle lêmos o numero fatidico, seis vezes, como se alli andasse influencia d'*O Senhor Sete* do mattoide Trindade Coelho.

Emfim ainda lobriguei no soneto vigessimo, isto :

Aonde foi, Senhora, que puzestes
Anel de *sete* pedras repartido ?

E digam-me agora onde é que ha artificio de poeta, que tantas vezes repetido não redunde em madurezã ?

Um psychiatra de que não me recordo com certeza (Solier ou Magnan) diz n'uma observação, que um pobre idiota seu cliente tinha a mania de repetir a palavra *gaulois*, inserindo em todas as suas conversações, viesse ou não a proposito, esta palavra; e nós sabemos como a credence popular embirrou com certos numeros, por exemplo, treze, que é sempre de mau presagio, primeiro por ignorancia, em seguida por mimetismo, predicado mais ou menos atabafado no homem.

Ainda ha uma nota curiosa a fazer a esse estranho documento de graphomania que me parece o *Poeta Saudade*. Vejamos a poesia *Prophacia*, que começa por esta disparatada puerilidade :

Sonho seja que não seja,
Seja vã futuração,
Que culpa ha que a alma veja
Aquillo que os olhos não ?

No desvario do auctor, aquelle *seja que não seja, seja*, hade-lhe ter parecido um jogo lindo. Com a sua pretenciosa affectação de simplicidade quinhentista, faz-me lembrar o conceito d'um logogripho escripto em portuguez de modas e confecções.

Quando terão os poetas portuguezes a fôrça da sua sinceridade,

para bradar a Tartufo, desapossando-se da capa do chôcho convencionalismo: « Sahe d'ao pé de mim; esta capa remendada e sebenta, hei-de rasga-la, estas olheiras postiças hei-de tiral-as. Quero cantar a Vida, o desejo forte e são que me inspira uma mulher que passa, a alegria do Sol, o prazer do trabalho! »

Quando?

Manuel Cardia.

Os Theatros

D. Amelia

CASTELLO HISTORICO comedia em 3 actos de Bisson e Berr de Turique, traducção de Mello Barreto

As nossas emprezas theatraes — constatada a deficiencia de producções originaes e o raro apparecimento de peças portuguezas em que alguma cousa d'arte pura transpareça, — déram, de ha muito já, em apresentar-nos traducções do theatro francez, deixando o nosso publico na completa ignorancia do que os outros paizes teem produzido de bom e de util na dramaturgia.

Succede, pois, que as nossas plateias, educadas pelas peças palavrosas de Alexandre Dumas filho, e presas ainda de incondicional admiração pelo repertorio de Augier, são incapazes de acceitar e comprehender as obras do theatro moderno que não tenham, a excitar-lhes o derancado paladar, os *mots à double sens*, as situações burlescas e o appetoso aparato de mulheres semi-nuas.

Assim se explicam os ruidosos successos da *Lagartixa* e da *Coralie*, e, parallelamente, a desastrosa queda do *Pato Bravo* de Ibsen, factos estes que marcam bem nitidamente a gradual decadencia do gosto artistico do nosso publico, para a qual tem largamente contribuido a empreza do theatro D. Amelia com as exhibições pornographicas das suas actrizes nuas, com a quasi exclusiva representação de peças do infimo repertorio parisiense.

D'esta vez, porem, — bem que o *Castello Historico* seja uma *pochade* sem grande merito, — ha a citar uma excepção á regra. Durante os tres enormes actos da comedia todas as actrizes se conservam decentemente vestidas, e, se por vezes fallam em calão, estamos bem convictos que isso é devido á má versão do sr. Mello Barreto, traductor fecundissimo na verdade, mas sem a probidade e o sufficiente conhecimento da lingua que seriam para desejar em quem, com tal desassombro, se abalança a traduzir tão grande numero de peças annualmente.

Nem merece a pena fallar-se mais largamente do caso.

Quanto ao desempenho, é de justiça que se applauda a actriz Maria Falcão que consegue dar todo o relevo ao seu papel de ingenua. Os restantes interpretes, tomados em conta os seus largos annos d'officio e as poucas difficuldades que os seus papeis apresentavam, representaram á altura da comedia, — isto é, d'uma maneira bastante inferior, senão aos seus meritos, pelo menos ás suas reputações de consagrados.

Costa Carneiro.